****

**1. A minha experiência da pandemia**

Para esta partilha convosco, remonto ao propósito que tínhamos para o ano pastoral 2019-2020, na Paróquia de Nossa Senhora da Hora: “*Acertar no vinte*”. Ironicamente foi o ano 20 do século XXI que nos acertou em cheio, com a pandemia que leva já mais de um ano de gestação e está a dar luz, na Igreja e no mundo*, um tempo novo*, não diria tanto “*um novo normal*”, porque essa expressão vive ainda do passado como referência.

E não me parece que devamos sequer viver o tempo presente, como um *intervalo escuro ou um tempo para esquecer*, uma espécie de *penitência tarifada* para logo depois retomar as velhas alegrias (melhor dizendo, *as velharias*) e as seguranças do tempo da programação organizada. Esse tempo velho caiu de maduro e deu lugar à surpresa e à aprendizagem de nos contentarmos, agora, por atravessar o desértico nevoeiro da pandemia, em regime de itinerância, apenas com o *pão de cada dia*, segundo a graça e *a* ***mística do instante***.

Vivamos, pois, este tempo, como um ***kairos***, uma graça e uma oportunidade de crescimento, para um salto criativo e qualitativo, um relançamento na nossa vida eclesial, que às vezes avança mais por empurrão das circunstâncias do que por adesão à ação do Espírito Santo.

De algum modo as experiências, mais ou menos acertadas ou assertivas, deste tempo gestacional são um bom ***ensaio geral*** para uma Igreja, cuja lentidão reformista foi acicatada pelo efeito acelerador que a pandemia provocou e destapou.

***1. O meu programa é não cumprir o meu programa***

Para começar, esta foi a minha principal obra de conversão pastoral, desde março de 2020 para cá: a de não programar o tempo da graça. Viver a graça de cada dia, de cada hora, deste tempo, acolhendo a visita inesperada dos que se cruzam connosco, correspondendo aos *pedidos na hora*, descobrindo novos recursos humanos e operativos, subalternizando a tarefa agendada e a reunião marcada. Estar disponível para as surpresas de Deus, de modo que o meu programa seja precisamente o de não cumprir o meu programa, foi a aprendizagem mais violenta e mais graciosa que fiz desta longa pandemia. E com isso tive de *aprender a desaprender* tudo o que sabia fazer. E quem não desaprendeu com a pandemia não apreendeu nada da graça deste tempo, que há de marcar a divisória do antes e do depois… de muita coisa.

Este é o tempo em que nos sentimos, como os Apóstolos no dia de Pentecostes: sem preparação para responder aos novos desafios da pandemia, sem agenda nem guião para cumprir um programa pastoral, sem grupos organizados ou especializados, sem estratégia para fazer frente a um tempo indefinido.

A pandemia apanhou desprevenida e impreparada a Igreja e as sociedades em geral. Mas, ao mesmo tempo, revelou pessoas, capacidades, valores, que desconhecíamos. O Espírito Santo manifestou-se nos gemidos da Criação explorada («uma terra em agonia» - cf. CEP, Desafios, 4) e da humanidade ferida, mas também na novidade, criatividade e generosidade de tantas vidas.

Nos últimos tempos, fiz 6 encontros com pais com filhos na Catequese, de modo a partilharmos as experiências de crescimento em tempo de pandemia. Fizemo-lo também para discernir com os pais a oportunidade pastoral ou não da celebração das Festas da Eucaristia e da Profissão de Fé. Os testemunhos de vida e os estímulos pastorais foram muito enriquecedores. Os pais – juntos – ouvindo-se acabam também por se evangelizar uns aos outros, refazendo as suas próprias leituras dos acontecimentos. Para mim, muitos casais foram uma revelação!

Portanto, o tempo da pandemia é também “*kayros*”, que desvenda fragilidades e potencialidades e nos desafia a partir de novo. “*A pandemia parece o apocalipse, mas não o esqueçamos, todo o apocalipse é uma revelação*” (Card. Tolentino Mendonça[[1]](#footnote-1)).

À imagem dos discípulos de Emaús, na tarde de Páscoa, também nós somos desafiados, depois do trauma da pandemia, a partir de novo. Neste caminharmos juntos, é importante valorizar a participação e a corresponsabilidade de todos.

***2. Pastoral digital***

Neste contexto pandémico, em que o distanciamento físico se tornou-se um dever ético, pareceu-nos claro, que era preciso lançar mão de novas ferramentas pastorais, sobretudo as do mundo digital. A internet, com os seus múltiplos recursos, sítios, aplicações e as suas poderosas redes sociais, tornaram-se os nossos principais aliados da nova evangelização. Da nossa parte, procuramos despertar nos agentes pastorais o dever de continuar a evangelizar, formando, acompanhando e alimentando os seus grupos, pela via digital.

A Catequese saiu do seu *gueto* escolar e, por via digital, ganhou força e criatividade, envolvendo muito mais as famílias.

No primeiro confinamento, começámos a transmitir a Missa ferial e Dominical, a partir de casa, para dar o exemplo: «*fique em casa*».

Mas porque nem só de “*Eucaristia*” vive a Igreja, começámos também a transmitir em direto, pelo Facebook, o exercício da *Lectio Divina*, da oração de Taizé, da oração do Rosário. Nos vários passos da mesma, os que a acompanham reagem e interagem, com os seus *likes* e comentários. Avançámos para algumas experiências de oração ou de meditação via zoom ou pelo Facebook.

Os modos e conceitos de corpo, de presença, de pertença e de participação estão em mutação. E não podemos ignorá-los em nome de uma encarnação, que não passa de um obcecado “*fisicismo*” pastoral*.*

Quando falamos da presença real de Cristo, quando falamos da Igreja *Corpo Místico* de Cristo, quando falamos da *comunhão dos santos*, devíamos ser mais cautelosos na absolutização da *presença física* e reaprendermos toda uma nova gramática dos afetos, da relação, da comunicação e da comunhão pessoais e eclesiais.

***Pais, ministros do culto familiar***

*Fique em casa* foi uma das palavras de ordem mais frequentes durante o estado de emergência pandémica. Para muitos, este *fique em casa* foi uma graça, uma oportunidade para aprender a habitar a própria casa, a reforçar os laços de afeto familiares e a redescobrir a família como o lugar mais seguro deste mundo, no meio da tempestade, primeira e principal rede social de apoio, no meio de inesperadas dificuldades económicas.

Para outros, o prolongado confinamento em casa foi uma penitência, seja pela violência das relações difíceis ou inquinadas, seja pelo cansaço dos dias intermináveis, seja porque a casa se tornou sala de aula e posto de trabalho.

Neste sentido, podemos dizer que a *família* emergiu desta pandemia como primeira escola da fraternidade, primeiro laboratório de vida social, primeiro hospital do cuidado de uns pelos outros. É importante não perder isto de vista, hoje e amanhã: cada família deve cuidar da sua família. Cada família cuide de outra família.

Não menos importante foi a descoberta e o aprofundamento da família como *Igreja doméstica*, isto é, como primeira célula da Igreja e primeira rede essencial da missão e da transmissão da fé.

Os pais começaram a assumir-se como primeiros e insubstituíveis educadores da fé: muitos descobriram o valor da catequese, acompanhando os filhos e interagindo com as propostas vitais e digitais; houve casais que reaprenderam a rezar juntos e não mais “cada um para seu lado”. Houve avós, que acompanham os netos e “alinhavam” no compromisso semanal.

Sugerimos, desde a primeira hora, ao “*Laboratório da Fé*” (da Arquidiocese de Braga) que propuséssemos, todas as semanas, um Guião para a oração dominical em família. É preciso que as famílias se redescubram e se ativem, como igrejas domésticas, deixando que os pais se assumam como verdadeiros *ministros do culto* e guias da celebração, segundo a sua condição batismal e matrimonial.

Nos tempos fortes, pedimos a uma família da comunidade, que “*produzisse um filme*”, com a gravação da oração familiar, para estimular e acompanhar outras famílias.

Muitas famílias aproveitaram as variadas propostas de liturgia familiar para celebrar, do modo possível, o domingo, dia do Senhor. Outras criaram o seu cantinho espiritual, para acompanharem, em casa, todos juntos, as celebrações da Eucaristia ou do rosário, teletransmitidas pela TV e pelas redes sociais. Outras simplesmente habituaram-se a fazer uma pequena oração, no início e no fim das refeições. É um caminho aberto, que precisamos de aprofundar cada vez mais, capacitando as famílias para a sua missão insubstituível.

Assim, o tempo da pandemia revelou quanto, à medida que se fechavam os templos, se multiplicavam as *Igrejas domésticas*.

Acredito que o encontro presencial dos fiéis na vida e nas celebrações da comunidade paroquial tenderá a ser menos frequente, mas mais festivamente vivido. Os que deixaram de vir à Missa, ou porque vinham por hábito, ou porque se contentam com transmissões à distância, passam, nesta crise pandémica, pelo crisol da autenticidade da sua fé. Se não voltarem, é porque talvez nunca tenham vindo de corpo e alma. O vírus também serve para testar o quilate da nossa fé.

**A bênção dos incómodos**

Uma das bênçãos maiores deste tempo de pandemia, com restrições súbitas e inconstantes de circulação e ordens de recolhimento obrigatório, foi predispor as comunidades para a mudança. Abre-se também, por aqui, uma janela de oportunidade, para uma reinvenção da celebração da fé, em outros modos, em outros dias e em outros horários. Se não cedêssemos à pressão dos "pedidos" e dos "direitos a ter Missa" talvez já tivéssemos desenvolvido outras formas celebrativas (liturgia familiar, liturgia das horas, liturgia da Palavra, adoração eucarística etc) e já estariam implementados outros ministérios laicais, como os de leitor, de acólito, de animador das ADAP (Assembleias Dominicais na Ausência de Presbítero). Pode ser que seja desta.

Com as *novas tecnologias* é ainda possível reunir várias comunidades sintonizadas entre si e com o seu pastor, a partir de uma determinada comunidade em celebração presencial, garantindo, por outros ministérios, a congregação das suas comunidades e o acesso dos fiéis à comunhão eucarística. Seria altura de *ensaiar* também experiências deste género.

***A luta pelo luto***

Julgo que a pandemia também deixou feridas, sobretudo no campo da celebração da morte, que foi praticamente *clandestinizada*. Daí a importância não só dos ritos funerários, como do acompanhamento espiritual, em todo este processo de elaboração do luto. Não desistir de presidir às exéquias, nem que seja à chuva e com os pés na cova, para acompanhar os enlutados, foi uma das grandes lutas deste tempo. E dos momentos mais dolorosos e significativos do ministério pastoral, em que pelo menos, por aí, podemos ainda sentir o cheiro das ovelhas.

Creio que não se deviam considerar as celebrações exequiais como de menor importância na vida pastoral. Eu tenho-as muito em conta, como forma de presença e de proximidade, de conhecimento recíproco, de evangelização da esperança.

Na Paróquia temos um grupo “*in Manus tuas*” que acompanha o velório e colabora na celebração exequial. Pelo menos, há alguém que “responda” pela Assembleia.

**2. E agora, que desafios?**

Pior que a pandemia seria não tirar proveito dela. Escreveu o Papa Francisco na Encíclica Fratelli tutti:

*“Contudo rapidamente esquecemos as lições da história, «mestra da vida». Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta. No fim, oxalá já não existam «os outros», mas apenas um «nós». Oxalá não seja mais um grave episódio da história, cuja lição não fomos capazes de aprender. Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morreram por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram sendo desmantelados ano após ano. Oxalá não seja inútil tanto sofrimento, mas tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livre das fronteiras que criamos”* (FT 35)*.*

A pergunta que se nos coloca nestes dias seguintes ao Pentecostes, podia ser esta: *Que diz o Espírito Santo à Igreja, hoje, aqui e agora* (cf. *Ap* 2,7)*?* *Que caminhos devemos percorrer?* Vou resumi-los em sete. Todos eles, a começar pela letra C, de Coração e de Caminho:

**1.º Conversão ecológica para uma nova aliança com a Criação**

As coisas não podem continuar como estão (cf. EG 25). Se estamos numa mudança de época e não em época de mudanças, não podemos cair na tentação de voltar ao que nos trouxe até aqui: seja na relação com a Criação, seja na forma pessoal de viver a vida, seja mesmo na prática pastoral, onde é preciso iniciar “*um caminho de conversão pastoral e missionária que não pode deixar as coisas como estão*” (EG 25).

A nível do *Cuidado da Casa comum*, os cientistas recordam-nos que o número das epidemias cresceu e crescerá, porque os nossos modelos de desenvolvimento não têm em conta o equilíbrio dos ecossistemas nem o respeito pela Casa Comum. Temos atuado no mundo como se estivéssemos sozinhos no planeta, e esquecemo-nos que partilhamos com as outras criaturas ambientes, potencialidades, e também uma palavra urgente para o século XXI aprofundar, conexão. Os nossos modelos de desenvolvimento, os nossos estilos de vida não saudáveis exigem transformação, despojamento.

O Papa fala-nos da necessária conversão ecológica (cf. LS 217-2020). Como cuidar da Casa comum, a partir da nossa Casa familiar, promovendo uma aliança entre a humanidade e o ambiente (cf. LS 209-215)?

O Papa recorda-o na Encíclica Laudato Si’, de forma muito concreta: “*evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias… Tudo isto faz parte duma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano*” (LS 211).

Há um interessante programa do Dicastério para a promoção do Desenvolvimento humano integral, no âmbito do Ano *Laudato Sí* (que terminou ontem, dia 24 de maio de 2021), mas com um Plano para 7 anos.

Precisamos de uma nova sabedoria de vida, que nos ensine a viver de modo mais simples, mais felizes com menos, valorizando a dimensão espiritual e cultural da nossa vida. Não nos basta o bem-estar. É preciso estarmos bem.

“*A tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência*” (FT 33).

Este é o tempo para semear, este é o tempo para relançar a nossa aliança com a vida. Esta pandemia ajuda-nos a compreender que precisamos de uma nova sabedoria, de modelos mais integrativos, com visões capazes de dialogar com a inteireza da pessoa humana nas usas diversas dimensões.

Embora não possamos esquecer aquilo que o romancista Albert Camus escreveu no seu romance “A peste”: o bacilo da peste pode chegar e ir embora sem que o coração do homem se modifique. E esse seria o verdadeiro desperdício, se nem uma pandemia nos ajudasse a mudar individualmente – porque as grandes mudanças são, antes de tudo, mudanças pessoais –, mas também coletivamente a nossa visão, o nosso coração. Daí a necessária conversão pessoal e ecológica. Da conversão pastoral falaremos mais adiante.

**2.º Caridade pessoal e eclesial**

Em resposta à pandemia da pobreza há que valorizar ainda mais a Pastoral da Caridade, assumindo o lugar privilegiado dos pobres na comunidade e o imperativo evangélico no cuidado da fragilidade, de modo que ninguém fique para trás.

Precisamos de uma *nova fantasia da caridade* (NMI 50). A pandemia da pobreza exigirá uma caridade criativa, capaz de responder às necessidades, sem deixar ficar ninguém para trás.

**2.1. Caridade pessoal**

A entrega até ao limite das forças, a renúncia a estar com a própria família para salvar vidas mostraram-nos como Deus já habita o coração daqueles a quem O queremos anunciar. Nos corredores da pandemia revelaram-se tantas histórias de vida, que têm o sinal de Deus, a marca do Seu amor. Anunciar a Palavra de Deus a estas pessoas é, primeiro que tudo, escutá-las, para ouvirmos juntos a Palavra que Deus nos diz através delas.

O seu amor aos irmãos é uma palavra silenciosa do Amor de Deus por todos nós. Logo que pudermos, vamos a casa (ao encontro) destas pessoas ou convidemos estas pessoas para vir a nossa casa (ao nosso encontro) e fiquemos juntos alguns dias (algum tempo), partilhemos a experiência do amor de Deus, que nos tocou com mãos humanas e se atravessou neste tempo de tamanha dor, de tanta luta e de luto para tantos.

É urgente desconfinar o amor ao próximo, alargar círculo de atenção e de cuidado amoroso, até chegar àqueles que espontaneamente não sentimos como parte do nosso mundo de interesses, embora se encontrem perto de nós.

Muitas vezes o nosso mais próximo fisicamente é o mais distante socialmente! Jesus desafia-nos não a perguntar mais quem é o meu próximo ou o meu vizinho, mas a tornarmo-nos vizinhos e próximos de todos (FT 80), de cada irmã ou cada irmão que sofre, abandonado ou ignorado. Na verdade, “a globalização fez-nos vizinhos, mas não nos fez irmãos” (CV 19; cit. FT12).

Temos pela frente tempos difíceis, com a crise pandémica a sangrar. Diante do sofrimento e da pobreza, tornemo-nos próximos e vizinhos de quem quer que seja. Uma vez que somos todos irmãos, tornemo-nos então irmãos de todos.

Este é o tempo de sonharmos juntos, de nos levantarmos, de ressurgirmos; este é o tempo de fazer, de agir e não o tempo de *fazer de conta* que não é nada connosco.

Somos desafiados a sair de nós próprios, a gastar a sola dos sapatos, a ir aonde ninguém vai, para ver a realidade com os próprios olhos, para tocarmos e nos deixarmos tocar por essa realidade e arregaçarmos as mãos, sempre prontos a fazer o que é preciso. Este é o tempo de agir. Como?

Teremos de reinventar o nosso modo cristão de ser e de viver: não pode mais haver um *católico praticante* sem um compromisso cívico, social, caritativo, sem a prática do serviço, do voluntariado, da partilha.

“Faz um telefonema, vai visitar alguém, oferece o teu serviço. Diz que não tens a mínima ideia do que fazer, mas que talvez possas ajudar. Diz que gostarias de dar uma ajuda para seres parte de um mundo diferente e que pensaste que esse poderia ser um bom lugar para começar” (Papa Franciscco, *Sonhemos juntos*, 147).

Não transformarás o mundo, como da água para o vinho, se primeiro tu não te mudares, se tu não de descentrares e saíres de ti mesmo.

**2.2. Caridade eclesial**

Não o esqueçamos: a Igreja tem na caridade uma das suas formas principais de iniciar ao Evangelho. E esta é muitas vezes a *perna manca* do tripé (cf. DCE 25): anúncio da Palavra de Deus (kerygma- martyria), celebração dos Sacramentos (leitourgia) e serviço da caridade (diakonia).

Caminhemos para uma Igreja mais hospital de campanha e Casa do Samaritano (cf. CEP, *Pandemia*, 14) do que central de serviços religiosos.

**3.º Cultura do cuidado**

A prevenção, o contágio e a cura do vírus fizeram-nos perceber: estamos todos nas mãos uns dos outros. Todos contam. Ninguém se salva sozinho. No meio da emergência que vivemos não podemos esquecer o testemunho humano altíssimo dado por todos os cuidadores. Estes são os heróis desta história coletiva. E são milhões que de forma anónima, e com um extraordinário sentido de abnegação, continuaram a manter abertos os serviços e as fábricas, a continuar a produção alimentar e os bens indispensáveis, a vigiar pela segurança, pela saúde material e espiritual, e, claro, nos hospitais a combater por todos nós na primeira linha. E são inúmeras as histórias, aparentemente minúsculas, mas verdadeiramente gigantes, que nestes meses tão difíceis nos estiveram a ser contadas.

Nesta pandemia, de facto, só “*existem dois tipos de pessoas: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; neste momento, quem não passa ao largo, ou está ferido ou carrega aos ombros algum ferido*” (cf. FT 70): os sós, os idosos, as pessoas com deficiência, os que estão de luto. Urgem ministros da consolação!

Importa, neste contexto, ***evangelizar os idosos,*** *com a família*,acompanhando os diversos mundos da solidão (cf. CEP, *Desafios*, 10), envolvendo nesta pastoral dos idosos e frágeis, além dos Ministros Extraordinários da Comunhão, Visitadores de Doentes e Vicentinos, as Associações, as Irmandades, as Confrarias, as IPSS, as instituições sociais em campo, com as quais se deve trabalhar em rede. Nesta missão, é fundamental a experiência da proximidade, da oração e o anúncio da esperança da vida eterna.

**4.º Coragem criativa: vinho novo em odres novos**

O *tempo novo*, nesta mudança de época, não pode enfrentar-se com velhas receitas. “*Para vinho novo, odres novos*” (Mt 9,14-17; Mc 2,18-22; Lc 5,33-39).

O *novo normal* que somos chamados a viver, não pode ser um regresso ao antigamente, não se pode resolver com a aplicação das velhas receitas, das velhas práticas políticas, dos velhos estilos de vida, porque foram esses que nos trouxeram até aqui. Para tempos novos, vinho novo, odres novos, talhas novas, novos caminhos, novas soluções, nova economia, novas relações, nova pastoral. Para que as dores da pandemia possam dar à luz um tempo novo, uma hora nova da humanidade.

O *vinho novo* do Espírito requer odres novos, novos meios, novas formas, novos recursos, novos ministérios, novas práticas pastorais.

A atividade pastoral requer um grande investimento de tempo e de imaginação, porque visa criar processos nas pessoas.

Com a pandemia atual, este trabalho provavelmente ficou interrompido e, em alguns casos, terá de ser retomado a partir do zero.

Recordemos o sonho do Papa Francisco, na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, que encabeçava a Convocatória para este encontro:

*“Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, «toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial»”* (EG 27)*.*

É preciso «*sairmos da própria comodidade e termos a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*» (*EG* 20; cf. *FT*, 141), sair para além dos nossos recintos, porque este é um tempo sem templo, seja a nossa terra o nosso lugar de testemunho e de missão!

Os ritmos e hábitos dos fiéis estão a ser reconfigurados e sem reversão. Mas os nossos ritmos celebrativos e os nossos calendários litúrgicos permanecem intocáveis!

Recorde-se que o testemunho e o compromisso dos fiéis batizados não se esgota em atividades “pastorais” na Igreja, mas deve alargar-se às novas fronteiras da missão: o mundo digital, os migrantes, a valorização da dignidade da mulher, a economia ao serviço da comunhão, a política como alto exercício da caridade, o mundo complexo do trabalho, o cuidado da Casa comum, o diálogo inter-religioso e ecuménico, etc.

**4.1. Uma renovada ministerialidade: uma igreja mais laical e menos clerical**

Ir e sair para além do Templo implica hoje promover um laicado ativo e organizado, na perspetiva da ativação do sacerdócio batismal.

Procuremos dar verdadeiro protagonismo aos leigos, que são a imensa maioria do povo de Deus. Tal implica apoiar, qualificar, instituir, diversificar e consolidar a experiência dos ministérios laicais.

Há que valorizar os ministérios instituídos e reconhecer e potenciar novos ministérios laicais (acolhimento não apenas litúrgico, mas comunitário, comunicação e multimédia, acompanhamento de jovens, acompanhamento de casais etc – cf. CEP, Desafios, 38). O Papa já se adiantou com a instituição do ministério laical do Catequista (cf. Motu proprio Antiquum ministerium, 10.05.2021).

E, na sua recente Carta ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da fé, por ocasião da publicação do Motu proprio *Spiritus Domini*, afirma: «*O compromisso dos fiéis leigos, certamente não pode e não deve esgotar-se no exercício dos ministérios não ordenados, mas uma melhor configuração destes ministérios e uma referência mais precisa à responsabilidade que nasce, para cada cristão, do Batismo e da Confirmação, pode ajudar a Igreja a redescobrir o sentido de comunhão que a carateriza e a iniciar um renovado compromisso na catequese e na celebração da fé*».

Na Exortação Apostólica Querida Amazónia abrem-se perspetivas para toda a Igreja, no sentido de uma ministerialidade renovada, assente no “*desenvolvimento de uma cultura eclesial própria, marcadamente laical*” que exige – lá como cá – “um esforço especial para garantir uma presença capilar que só é possível com um incisivo protagonismo dos leigos” (QA 94).

A mesma Exortação lembra que tais serviços implicam “uma *estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do Bispo*” (QA 103). Pelo que a perspetiva de implementação de novos ministérios não decorre da escassez de sacerdotes, mas do justo reconhecimento do papel e protagonismo dos leigos.

Por várias vezes, o Papa Francisco insiste que esta renovada ministerialidade não pode ficar confinada ao setor litúrgico e profético, mas deve também ser ativada no campo da vida comunitária e da relação da Igreja com o mundo. “*Se o coração da identidade do sacerdote está na consagração do pão eucarístico, o centro da missão dos leigos está na consagração do mundo, segundo o projeto de Deus*”[[2]](#footnote-2).

Estes ministérios não podem apenas destinar-se ao serviço da liturgia, mas também da profecia e da caridade e do reforço da vida comunitária.

Pensemos, portanto, os ministérios laicais, na perspetiva de uma Igreja mais sinodal, mais em saída, mais missionária, mais projetada para as periferias existenciais, onde a evangelização dos ambientes não é apenas para os leigos, mas é feita sobretudo com os leigos.

Cada Bispo e cada Igreja local devem discernir sobre os ministérios de que há necessidade, para que a Igreja esteja presente no serviço aos homens e mulheres deste tempo, devendo rejeitar-se qualquer visão monolítica dos ministérios ou uma leitura fixista da Tradição, pois esta “não é um depósito estático nem uma peça de museu, mas a raiz de uma árvore que cresce” (QA 66) se ramifica e floresce para dar frutos novos, a seu tempo e no nosso tempo.

Este é o caminho a empreender com empenho e responsabilidade, fidelidade e criatividade, para rejuvenescer e reforçar o dinamismo evangelizador da Igreja e para o crescimento e vitalidade da mesma através do exercício dos ministérios diversos, segundo a graça e o carisma que o Senhor queira dispensar ao Povo de Deus nesta hora de graça que nos cabe viver.

**4.2. O papel dos jovens**

No caminho para a JMJ 2023 é preciso dar justo protagonismo aos jovens e tornar efetiva a sua participação ativa, criativa e proativa, nos lugares de discernimento e de ação pastoral, sobretudo em áreas em que eles podem dar um contributo tão importante, tais como o mundo digital, o mundo escolar e académico, o cuidado da Casa comum, o voluntariado e o compromisso social.

É preciso dar protagonismo aos leigos e aos leigos jovens e tornar efetiva a sua participação ativa (DF-SJFDV):

a) nos lugares de ação pastoral, sobretudo em áreas que eles podem dar um contributo tão importante, como o mundo digital (DF-SJFDV 145;146), o cuidado da casa comum (DF 129), o compromisso social (DF-SJFDV);

b) nos processos de discernimento pessoais e pastorais (DF-SJFDV);

c) nos âmbitos e estruturas de corresponsabilidade pastorais (DF-SJFDV 123).

Os nossos Bispos concluem a sua Nota sobre os Desafios da pandemia, com um olhar sobre o futuro, focado nos jovens (CEP, Desafios, 49-51).

“*Sem a escuta atenta dos jovens, sem a sua visão da Igreja e do mundo, não haverá adequada renovação e conversão pastoral. O domínio do digital dá-lhes uma forma nova de ver a realidade. Além disso, são peritos na abertura à novidade, ao diferente, às pessoas e aos povos. Com eles a fraternidade é mais possível. Nasceram já numa cultura de grandes preocupações ambientais e defesa da natureza*” (CEP, Desafios, 50).

**4.3. Novos percursos de iniciação e de formação cristãs: retomar ou partir de(o) novo?[[3]](#footnote-3)**

Cuidar da formação, em ordem a um novo anúncio, com novos itinerários, novos percursos e instrumentos, adaptados aos ritmos das pessoas e das famílias. Pede-se um investimento na formação de casais.

É preciso renovar itinerários, oferecer percursos diferenciados para a preparação dos sacramentos, para o acompanhamento dos pais e das crianças até à idade da Catequese, etc.

De alguma forma, o vírus funcionou como uma lente de aumento; ele acelerou os tempos e, como lembra o teólogo checo Thomas Halík, ele ofereceu-nos uma antecipação do *futuro próximo* com o qual a Igreja (e a catequese, acrescentamos nós) também terá de contar. O que restará das formas catequéticas a que estávamos acostumados e com as quais nos dedicamos com tanta paixão? Mesmo na catequese paroquial de adultos e crianças, a retoma será delicada e nada óbvia.

E se esta fosse uma ocasião para uma conscientização compartilhada, para uma conversão real das práticas pastorais e catequéticas, e não para um programa de *recuperação* a curto prazo?

Obviamente, devemos aprontar-nos a iniciar um processo. Mas se tentássemos primeiro estar juntos neste momento, com criatividade, fazendo discernimento do essencial a ser mantido e a ser podado, para apoiar as ações de Deus? Não será isto mais urgente do que manter, a qualquer custo, a organização catequética?

Um bom ponto de partida será permitir que as pessoas digam como são crentes, ouvindo as pessoas a partir da sua experiência de fé. Nisso, de facto, o tempo, a vida não parou; nem mesmo a do crente. Tenho feito essa experiência com os pais com filhos na Catequese.

Aconteceu diferentemente: foi vivida em outros lugares, expressou-se em outras línguas, para além dos muros da paróquia. Talvez o vazio das nossas salas paroquiais, mostrando que os números não retornam, nos estimule a sair dos nossos preconceitos, a procurar em outro lugar e de uma maneira diferente, com a certeza de que somente Deus pode gerar alguém que possa participar de sua vida, e que, portanto, a pergunta que devemos fazer é: *que caminhos Deus toma para encontrar o os homens e as mulheres [...]?* *O que é que a Igreja tem de transformar, na sua maneira tradicional de acreditar e viver, para facilitar esse encontro?* Poderíamos reformular assim a questão.

O começar de novo, da pastoral catequética, tem a ver com as seguintes questões espirituais e práticas: *o que é que Deus continua a dizer e a fazer dentro dessa história? O que podemos aprender cada um do outro, também em matéria de fé? Que legitimidade e autoridade estamos dispostos a reconhecer à variedade de maneiras, lugares e contextos – para além da comunidade paroquial - onde se pode viver como crentes?*

…………………….

**Três dimensões a cuidar na Catequese:**

**O cuidado das relações: a fraternidade como catequese**

A Covid-19 colocou no centro, não sem contradições, as relações e a necessidade de proximidade, como antídoto para a solidão. Ele fez redescobrir que somos todos da mesma massa, da mesma carne. Poderíamos ler aqui o convite a valorizar a fraternidade como catequese em si mesma, como uma forma de vida, na qual o anúncio ressoa. Seria uma questão de recomeçar de uma nova maneira a relacionar-se com todos: tornar-se presente - «ouvir e oferecer palavras» - de maneira livre, sem proselitismo, apenas porque há desejo e nostalgia do outro.

**Catequese mais narrativa: ouvintes e contadores**

Emerge, nos nossos dias, a necessidade de contar – a necessidade de contextos para se narrar a si mesmo, - e de narrativas que ofereçam quadros de referência, que abram perspetivas diferentes. Além da necessidade de ser ouvido, o que está em jogo aqui é uma dinâmica de procura, o que encoraja a catequese a refazer o caminho narrativo (recolocando as Escrituras no centro) e permite realocar o anúncio dentro da trama da nossa existência. Neste sentido, a catequese terá a forma de uma mistagogia da vida que acompanha em profundidade para descobrir o mistério de Deus já presente e ativo em todas as experiências. Desta vez, traz de volta a catequese ao coração do evangelho, convida-a a concentrar-se no primeiro anúncio: o kérigma de um amor mais forte que a morte.

**Ir ao coração da fé: essencialidade no estilo e nos conteúdos**

O duelo entre a morte e vida, que o vírus pôs diante de nossos olhos também é o coração da nossa fé pascal. Aqui abre-se o espaço para as narrativas da fé (bíblicas, litúrgicas, existenciais) que oferecem o ponto de vista evangélico e podem revelar-se como quadros interessantes (simbólicos) para interpretar a vida. A referência ao primeiro anúncio reclama a essencialidade no estilo e nos conteúdos da proposta: livre, gratuita, simples e significativa, pontual. E é um convite a cuidar não apenas da quantidade, mas também e sempre da qualidade das palavras, dos sinais e das relações.

O futuro da catequese passa pela capacidade de estar no presente, procurando continuamente o *novo* que Deus continua a fazer nascer, com a consciência de que a catequese em devir não dependerá principalmente da nossa projetação, mas da capacidade de se deixar interpelar e converter a este tempo, que está a semear uma mudança.

………………….

**4.4. Potenciar a Igreja Doméstica**

Façamos da família uma Igreja doméstica, na certeza de que Deus confiou à família o papel de tornar doméstica a Igreja e tornar familiar toda a pastoral (cf. CEP, Desafios, 15-18).

A família – como dissemos atrás – emergiu como primeiro lugar da experiência do amor e do acolhimento da vida, primeira escola da fraternidade, primeiro laboratório de vida social, primeiro hospital do cuidado de uns pelos outros, primeira célula da Igreja e primeira rede essencial da missão e da transmissão da fé: releva-se aqui a importância da Igreja doméstica e dos pais como primeiros e insubstituíveis educadores da fé.

Neste sentido, nunca será de mais valorizar o papel insubstituível e nuclear da família, porque aquilo que ela não for ou não fizer em primeiro lugar, dificilmente alguém o poderá fazer melhor.

Há que valorizar a vocação e a missão da família como Igreja doméstica: esta é um dos lugares primeiros e cimeiros do exercício do sacerdócio batismal. Neste âmbito, esforcemo-nos por passar de uma pastoral sobre a família ou para a família a uma pastoral em família, com a família, da família, de modo que as famílias se tornem famílias missionárias, sujeitos ativos da pastoral familiar e protagonistas da evangelização. Pelo que a Igreja só será uma grande família se cada família for uma pequena Igreja. Mas o contrário também é verdadeiro: a Igreja doméstica precisa de se abrir à família mais alargada, que é a Igreja, para crescer como tal.

Mas convém não embandeirar em arco, como se agora, por força das circunstâncias, voltássemos ao ideal da Igreja primitiva que se reunia em casa dos cristãos, ou ao fervor da Igreja perseguida escondida nas catacumbas, ou à condição da Igreja em terras de missão, que vive mais da Palavra, que dos Sacramentos.

Não me parece que as situações se possam comparar, sobretudo tendo em conta a realidade atual das nossas famílias, com muitas dificuldades em respirar… (muito mais em respirar o ar fresco do Evangelho) e o percurso pastoral das nossas comunidades, que nem sempre valorizaram e formaram os leigos e as famílias para assumirem, em pleno, o seu sacerdócio batismal e matrimonial. Para que as famílias cumpram a sua missão, continuam a precisar da Igreja, como a Igreja precisa delas.

Mas é preciso não “domesticar” a realidade eclesial a tal ponto, que o confinamento em casa, pareça uma graça superior. Porque se é verdade que tudo começa em casa e por casa (a fé, o amor, a educação...) também é verdade que nenhuma destas coisas acaba em casa ou se esgota aí.

A família é uma realidade aberta, uma célula fundamental de um corpo maior e está na base de outros grupos e corpos intermédios da sociedade e da Igreja. Não fiquemos tão embevecidos com a multiplicação das «Igrejas domésticas», que esqueçamos esta graça de fazer parte de uma grande família, cujos laços não são sequer os de sangue, mas os da fé. E, por vezes, a opção cristã pode vir a colidir com a tradição e os valores da família nuclear. São bem conhecidas as ruturas entre Jesus e os seus parentes.

Não convém exaltar a tal ponto a graça desta hora, em que se redescobre a vocação e a missão da Igreja doméstica, que os nossos cristãos, daqui a algum tempo, quando se abrirem as portas da Igreja, sejam tentados a dizer: *afinal Deus está em toda a parte, também está em nossa Casa e eu não preciso de ir à Igreja, para ser cristão.* *Leio a Bíblia, acompanho as celebrações teledifundidas, faço comunhão espiritual, e nem por isso sou menos cristão que os outros.*

Neste sentido, a impossibilidade de frequentar o Templo, como Casa Comum dos cristãos, a inacessibilidade dos sacramentos, a retração da participação presencial, não podem ser vistos como ideais de uma vida cristã normal, mas como aceleradores e dilatadores do desejo de viver em comunhão real com Deus e com os irmãos, mesmo se continua a ser verdade que “somos todos irmãos, mas cada um come em sua casa”!

**5.º Comunidade tecida por novos fios de ligação**

A comunidade cristã vive dispersa, «*em diáspora*», já não se vê ou revê inteiramente no espaço celebrativo. Precisamos de tecer novos vínculos, com quem partiu e não voltou, com quem se habitou ou se acomodou ou se confinou.

Quando cessarem todas as atuais restrições, talvez muitos cristãos regressem à Igreja reforçados por uma fé que se alimenta nos sacramentos, e este particular jejum ter-lhes-á servido para se darem conta de até que ponto os sacramentos são importantes.

Infelizmente, porém, esta «*dessacramentalização*» temporária trará problemas a algumas comunidades, e alguns fiéis perder-se-ão pelo caminho pelo simples facto de que o hábito forja a virtude.

Pensemos em paróquias com fiéis de saúde vacilante, para os quais sair à rua e estar com outras pessoas pode ser arriscado. Ou naqueles pais que, tendo experimentado uma certa dificuldade em educar os seus filhos na fé, agora os deverão voltar a convencer da importância de participar na Missa, após vários meses de ausência.

E que dizer das comunidades juvenis em formação às quais vieram a faltar os hábitos que favorecem a prática sacramental? Ou daquelas pessoas que – porventura hesitantes na fé, ou assustadas, ou sobrecarregadas de trabalho – perderam o são costume de celebrar todas as semanas os sacramentos e agora põem em dúvida a sua própria pertença à Igreja?

Será preciso repensar as liturgias, os encontros e as celebrações sem o calor da multidão – procissões, grupos, retiros, orações comunitárias, conferências, Jornadas mundiais da juventude, etc. – porque, durante algum tempo ainda, não se poderão realizar como sempre se fez.

E, no entanto, permanece uma pergunta geral que esta crise de coronavírus nos coloca: o *que é que a inculturação da liturgia e dos sacramentos significa na experiência digital num momento em que a mediação da Internet se está a tornar cada vez mais importante?*

Temos, por isso, deredesenhar novas propostas pastorais, novos contactos, novos fios de ligação, para tecer novos vínculos comunitários, entre o presencial e o digital entre a Igreja Doméstica e a Igreja Paroquial (cf. CEP, Desafios, 23-25).

Todos *“precisamos de uma comunidade que nos apoie, nos auxilie, e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente” (FT* 8*)!* Não deixemos que nos roubem a comunidade(cf. *EG* 92)!

É preciso fortalecer a vida comunitária e salvar a comunidade. Importa reunirmo-nos e encontrarmo-nos em “novas salas” (CEP, Desafios, 25), em novas redes de ligação. Há que saber acolher, integrar, acompanhar a todos.

Face à realidade pastoral que temos, importa aproveitar as diversas possibilidades de organização das paróquias, conforme as sugestões da recente Instrução sobre “*A conversão pastoral da comunidade paroquial ao serviço da missão evangelizadora da Igreja*” (de 20 julho 2020).

A CEP desafia-nos a edificar as Paróquias, como comunidade sinodal, como células de uma Igreja em saída (CEP, *Desafios*, 44-48).

Importa desenvolver sinergias entre as comunidades paroquiais, uma vez que nem todas podem garantir todos os serviços essenciais. Uma possibilidade é confiar setores da pastoral a determinadas paróquias dentro da mesma Vigararia.

Seria necessário reorganizar as comunidades paroquiais, não apenas em função da falta de clero e da ocupação e preocupação pela “cobertura” pastoral do território, mas em função da efetiva comunhão e da fecunda missão da Igreja.

É preciso assumir, de direito e de facto, que o princípio da divisão territorial é apenas instrumental e insuficiente, na configuração dos espaços e reconfiguração das comunidades. As soluções engendradas, com as chamadas unidades pastorais, são mais de tipo administrativo e centradas no sacerdote (testado até ao limite das suas capacidades de resposta) e não respondem à necessária renovação pastoral. Seguem mais uma lógica agregativa do que integrativa.

A constituição das mesmas devia fazer-se através de um processo de discernimento, que contasse com a auscultação e participação dos féis leigos, das estruturas de corresponsabilidade pastoral existentes, de modo que o Povo de Deus não fosse apenas “objeto” da cura pastoral, mas pudesse tomar parte ativa na definição do seu futuro, num contexto de sinodalidade missionária.

O desafio na reorganização das comunidades e na criação de novas formas de exercício do ministério sacerdotal, é de modo a valorizar o carisma do padre e a missão dos leigos e a transformar o território em “lugar” do encontro, da experiência e do sentido da vida, para que as paróquias se tornem também um espaço familiar, fraterno, um corpo que acolhe, um lugar que gera a vida da fé como uma mãe amorosa, uma ação que comunica a experiência de Deus, uma celebração memorial que nos adentra no mistério pascal, uma alegria que irradia e contagia, atrai e envia.

**6.º Corporeidade, para uma presença de corpo e alma**

Sem contactos corporais, reaprendemos o valor da presença, da saudação, a incrível força de um simples sorriso ou de um olhar. Não podemos mais participar na liturgia a *meio corpo*, mas de corpo inteiro. Precisamos de voltar com alegria e de nos encontrar à mesa da Eucaristia. Na verdade, um cristianismo sem liturgia, sem corpo e sem comunidade, é um cristianismo sem Cristo.

O corpo não é um obstáculo, nem uma prisão da alma. Por isso, uma fé viral e virtual, imaginária, desencarnada, que dispense o corpo e os seus sentidos, é apenas um ilusório sentimento religioso. A vida cristã não se realiza fora desta esfera corpórea e material, porque em Jesus Cristo, o Verbo fez-Se Carne e a nossa carne tornou-se via de salvação. Por isso, rezamos e celebramos também com o corpo: o corpo entra na oração e participa na liturgia, porque esta é acontecimento, é presença real, é encontro pessoal com Cristo. Ora, Cristo torna-Se presente, no Espírito Santo, através dos sinais sacramentais da água, do azeite, do pão e do vinho, que nos lavam, perfumam, alimentam, curam e fortalecem. Não podemos participar na liturgia a meio corpo, mas de corpo inteiro, através dos sentidos ampliados pela fé: o ouvido, a visão, o tato, o olfato, o paladar. A Eucaristia, por exemplo, não pode ser só ouvida, como se nós fôssemos meros espectadores. Ela requer os olhos e a visão da fé, ela dá-nos o pão a comer e a saborear. Ela requer-nos de corpo e alma. Comunidade e corporeidade convergem na comensalidade. Precisamos de nos encontrar à mesa da Eucaristia. É sempre na sala da Ceia, a comer e à volta de uma mesa, que o Ressuscitado Se manifesta. É ao partir do pão que os discípulos O reconhecem vivo e ressuscitado. Este alimento à mesa não pode ser substituído por pastilhas eletrónicas. Não podemos ficar satisfeitos com uma Missa pela televisão, pelo Facebook, como não podemos matar a fome a ver programas do *MasterChef.* Na verdade, um cristianismo sem liturgia, sem corpo e sem comunidade, é também um cristianismo sem Cristo, sem corpo e sem alma. Fique então claro para todos, agora que começamos a desconfinar: «*Uma familiaridade com Cristo sem comunidade e sem pão, sem povo e sem sacramentos, é perigosa. Pode tornar-se uma familiaridade gnóstica*» (Papa Francisco, *Homilia*, 17.04.2020), isto é, aparente, sem consistência, sem vitalidade real. Tenhamos, por isso, cuidado em não nos acomodarmos ao sofá das transmissões das celebrações pela internet ou pela TV. «Cuidado para não viralizar a Igreja, os sacramentos, o povo de Deus. A Igreja, os sacramentos, o povo de Deus… são concretos», são matéria, são para gente de carne e osso. Voltemos, com alegria, à comunidade, de corpo e alma, à mesa da Eucaristia.

**7.º Comunicação nos ambientes digitais: todos *onlife***

É importante programar a ação pastoral, prevendo sempre um plano alternativo e complementar ao da participação presencial. Em vez de um Plano B, poderíamos designá-lo por Plano D: o Plano Digital. Este não funcionará apenas como alternativa de recurso, mas como recurso regular, necessário e complementar, numa Igreja que se quer ‘em saída’.

Neste âmbito, é preciso cuidar, com especial atenção, de toda a comunicação na Igreja, quer dos conteúdos, quer das linguagens, de modo a potenciar o uso dos meios digitais e das novas tecnologias da comunicação ao serviço da missão.

Caminhemos para uma Igreja mais em rede digital do que confinada no seu próprio mundo. Não são apenas as missas que podem ser transmitidas, mas devemos ser criativos e pensar em outras formas de alimentar a fé do povo, à distância: reuniões, encontros de oração, grupos, catequese, grupos de jovens, preparação para os sacramentos, etc. O ambiente digital, que caracteriza o mundo atual e a internet, pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos.

É urgente aprender a nova língua digital e usar as redessociais como canais de anúncio do Evangelho, da presença, da solicitude e da escuta (cf. CEP, Desafios, 31-32).

A experiência da rede (net) tem um impacto cada vez maior no nosso dia a dia. É muito importante não cair na tentação de considerar a Internet ou, de qualquer forma, o mundo digital, como se fosse um instrumento, uma ferramenta. Pelo contrário, é um contexto de vida, um ambiente, e o ambiente digital e o ambiente físico estão absolutamente inter-relacionados. Então, eu realmente gosto da definição de Floridi (estamos todos “onlife”), porque não há uma separação clara.

Acima de tudo, acredito que o uso do termo “*virtual*” é perigoso, como se o digital fosse *virtual*, portanto *não real* ou, pior, *irreal*. Essa ideia criou um tipo de esquizofrenia que também se torna muito perigosa, entre outras coisas, porque parece projetar tudo o que acontece na rede (net) num cenário de irrealidade, como se não tivesse consequências. Mas não é assim: o ambiente digital é um ambiente absolutamente real.

O verdadeiro núcleo problemático da questão parece-me dado pelo facto de que a existência digital parece configurar-se com um *status ontológico* incerto: é independente da presença física, mas oferece uma forma, às vezes até vivida, de presença social.

Certamente não é um simples produto da consciência, uma imagem da mente, mas também não é uma realidade objetiva comum, também porque existe apenas numa cadeia de interações. Um mundo intermediário híbrido abre-se diante de nós, cuja ontologia deve ser mais investigada. As esferas existenciais envolvidas na presença na rede (net) precisam, de facto, de ser mais bem investigadas no seu entrelaçamento.

A comunidade eclesial é chamada a compreender plenamente o lugar que o ambiente digital hoje ocupa nas nossas sociedades e culturas. Mais especificamente, devemos considerar o digital acima de tudo como uma oportunidade que nos convida a pensar e experimentar as práticas tradicionais de uma maneira diferente.

Certamente a Igreja é universal, é fundada sobre conexões vivas. Afinal, existe uma profunda afinidade entre a Igreja e a rede (net). A imagem evangélica da videira e dos ramos revelam-no.

A Igreja deve refletir sobre qual é a vocação da internet. Uma vocação evidentemente de conexão e, portanto, que tende à comunhão e não à criação de bolhas filtradas. A visão universal que a Igreja tem pode certamente ajudar a entender o valor de conexão que a net possui.

O desafio que temos diante de nós é, pois, imenso, porque somos, a maior parte de nós demasiado *aprendizes*, no uso destes recursos digitais.

Esta arte da comunicação, desde o âmbito diocesano, vicarial ou paroquial, não se compadece com amadorismos piedosos, mas exige de todos um esforço ingente de investimento, de aprendizagem e de permanente atualização, para o uso virtuoso das novas ferramentas do mundo digital, para assim garantir a maior eficácia pastoral possível.

Se este vírus tornou mais *viral* a nossa comunicação pastoral, então é preciso aproveitar as oportunidades virtuosas do mundo virtual. E isso implica, para todos nós, “cair na real(idade)”, também na nossa prática pastoral.

Como será a Igreja nos *media* de amanhã? É difícil ter uma bola de cristal, justamente porque a Igreja é chamada a encarnar-se na realidade. A Igreja segue a evolução da net como parte da expressão da humanidade, não apenas como um meio de espalhar uma mensagem, mas como um lugar para viver a experiência da fé.

Certamente, a net permite a conexão de pessoas além do espaço físico em que estão localizadas, então imagino que, se falarmos sobre a net, ela pode ser um local adequado para o conhecimento das pessoas e da diversidade. Existe uma acessibilidade ao conhecimento mútuo entre os povos, até indivíduos, evidentemente que permite que abra o seu coração e a mente. Imagino uma Igreja cada vez mais universal, aberta à alteridade e às diferenças, mas é assim que descobre a importância da comunhão.

#### ****3. OLHAR O FUTURO COM ESPERANÇA****

“Conscientes de que o testemunho de unidade é decisivo na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, pedimos juntos a luz de Cristo Ressuscitado para todos os homens e mulheres do nosso país, para que nos conceda a coragem de olhar para além das chagas abertas por esta pandemia e descortinar uma aurora de esperança capaz de nos lançar decididamente numa «nova etapa da evangelização» (EG 287)” (CEP, *Desafios*, 52), que poderá implicar, em Ano de São José e Ano Amoris laeitia, sonharmos juntos e enfrentarmos com coragem criativa os desafios desta hora de graça, sem repetir a receita, antes aproveitar o vendaval da mudança, para ousar uma pastoral em chave missionária.

**Perguntas para reflexão e partilha**

1. Qual foi a mudança *positiva* mais significativa que a pandemia trouxe à minha vida, enquanto Pastor? Partilhe e testemunhe as suas vivências.
2. Qual é, na minha opinião, o maior desafio pastoral dos próximos tempos na minha diocese, na minha paróquia, no meu âmbito pastoral? Concretize.
3. Qual é, no concreto, a parte mais difícil da minha conversão, enquanto Pastor nestes tempos novos?

* EG | Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, do Papa Francisco (24.11.2013)
* QA | Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazonia*, sobre a Igreja na Amazónia e os Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, do Papa Francisco, de 2.2.2020
* FT | PAPA FRANCISCO, Encíclica *Fratelli tutti*, Ed. Paulinas – Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa 2020
* CEP, Desafios | CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal*, Fátima, 13.11.2020

**Pe. Amaro Gonçalo**

Viseu, 25.5.2021

**Bibliografia**

* ALPHONSE BORRAS E GILLES ROUTHIER, *A nova Paróquia*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, Coimbra 2010

ALPHONSE BORRAS, *Communion ecclésiale et synodalité. Comprendre la synodalité selon le Pape François*, Cahiers de la Nouvelle Révue Théologique, CLD Editions, Paris 2018

* B. LESOING, *Les ministères dans Querida Amazonia*, in *Nouvelle Révue Théologique* 142 (2020) 592-605
* CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Desafios pastorais da pandemia à Igreja em Portugal*, Fátima, 13.11.2020
* CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Diretório para a Catequese,* Fundação SNEC, Lisboa 2020
* DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2020/2021*, Porto 2020
* *Documento Final do Sínodo sobre a Igreja na Amazónia: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral* (26.10.2019)
* FABIO FABENE,*Sinfonia di ministeri.*  *Una renovata presenza dei laici nella Chiesa****,*** Ed. Libreria Editrice Vaticana - Ed. San Pablo,Vaticano - Milano 2020
* JAMES MALLON, *Renovação divina. De uma paróquia de manutenção a uma paróquia missionária*, Ed. Paulus, Lisboa 2019.
* L. FORESTIER – D. WAYMEL, *Les laics dans l’Église auhourd’hui: Benoît ou François?* in *Nouvelle Révue Théologique* 140 (2018), 554-571
* PAPA FRANCISCO, *A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas -Secretaria Geral do Episcopado, 2013

PAPA FRANCISCO, *Carta ao presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina*, Cardeal Marc Ouellet, 19.03.2016

* PAPA FRANCISCO, *Discurso à comunidade dos redatores ad Revista Italiana La Civiltà Cattolica*, 14.06-2013
* PAPA FRANCISCO, Encíclica *Fratelli tutti*, Ed. Paulinas – Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa 2020
* PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2018
* PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal Christus vivit, Ed. Paulinas, Prior Velho 2019
* PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Querida Amazonia*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2020
* PAPA FRANCISCO, *Sonhemos juntos. O caminho para um futuro melhor*, Ed. Planeta, Lisboa 2020
* PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade do Evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013
* São João Paulo II, Carta Apostólica «*Novo Millennio ineunte*» (No início do novo milénio), no termo do Grande Jubileu do Ano 2000, 06.01.2001
* SERVIÇO DIOCESANO DE LITURGIA DO PORTO, *Póstumos espirituais da Pandemia* in: <https://www.vozportucalense.pt/2021/04/29/postumos-espirituais-da-pandemia/> [traduz o excerto de um artigo recentemente publicado em La Civiltà Cattolica, publicada em Roma].
* TIAGO FREITAS, *Colégio de Paróquias. A Paróquia em tempos de mobilidade*, Ed. Paulinas 2018
* XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, *Documento Final do Sínodo sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional* (3 a 28.10.2018), Ed. Paulinas, Prior Velho, 2018

1. <https://snpcultura.org/a_pandemia_parece_o_apocalipse_mas_nao_o_esqucamos_todo_o_apocalipse_e_uma_revelacao.html?fbclid=IwAR2E8uqKTxMe-BH4grOCiav_jnXczB5xf6jq6Uszv6IIx1wRydgpZnUYdJ4> [↑](#footnote-ref-1)
2. PAPA FRANCISCO, Prefácio do livro «*Sinfonia de ministeri*», 7. [↑](#footnote-ref-2)
3. Tradução e adaptação a partir de Michele Roselli, *La catechesi: riorganizzazione o ripartenza? Pensieri in divenire sulla catechesi che potrebbe essere, in Rivista di Pastorale Liturgica, Editrice Queriniana - via Ferri 75 - 25123 Brescia, Numero speciale 2, Liturgia in Fase 2, Giugno 2020 pp.45-48.* [↑](#footnote-ref-3)